

Espaços de sociabilidade: os edifícios de carácter público

Em busca do *forum* de *Felicitas Iulia Olisipo*

CARLOS FABIÃO

Nas cidades romanas, o *forum* era um equipamento fundamental, de tal modo que sabemos existirem *fora* que não tinham propriamente cidades de grande dimensão associadas (sobretudo no Norte da Península Ibérica), mas não conhecemos cidade relevante sem o seu *forum*.

O modelo do edificado podia variar dentro de um leque relativamente amplo de soluções arquitectónicas. Incluía, por norma, um templo (ou templos) consagrado aos cultos institucionais, uma ampla praça pública, frequentemente rodeada por áreas porticadas, uma basílica, edifício sem as conotações religiosas que mais tarde viria a adquirir e que era basicamente um espaço coberto de funções similares às da praça, edifícios administrativos e, por vezes, estabelecimentos comerciais. Em suma, um complexo de amplas dimensões, por norma, não inferior aos 6 ou 7000 metros quadrados de área construída. Sabemos também que um dos modelos mais frequentes nas cidades romanas da Lusitânia é o chamado *forum* bloco, onde um grande edifício acomoda no seu interior estas diversas construções, assim é em *Conimbriga*, nas imediações de Condeixa-a-Velha, em *Ebora*, a actual Évora, sendo o chamado templo de Diana o edifício religioso principal, ou em *Ammaia*, no concelho de Marvão, onde as prospecções geofísicas não invasivas forneceram uma nítida imagem do complexo. Por se tratar de um elemento fundamental da cidade, não somente em termos políticos e

simbólicos, mas também pelas suas valências funcionais, o fórum ocupava por regra uma área mais ou menos central do aglomerado urbano, não sendo expectável poder encontrar um edifício forense em área marginal do tecido urbano.

Após a primitiva implantação, ao longo do tempo, os *fora* das cidades romanas foram sendo acrescentados com novos elementos e, sobretudo, com diversos memoriais associados à história urbana, estátuas, epígrafes e outros ornamentos que mobilavam o espaço público. Assim, o processo de identificação de um fórum romano passa por um conjunto de observações convergentes: por um lado, a busca de um espaço edificado amplo que de algum modo condiciona as edificações de épocas posteriores, localizado em área mais ou menos central da antiga urbe, por outro, a identificação de concentração de elementos arquitectónicos de grande entidade, associados aos maiores edifícios públicos ali existentes, finalmente, pela presença de estátuas e inscrições monumentais típicas da ornamentação destes espaços. Sublinhe-se, que se impõe a convergência destes dados, uma vez que somente um deles pode ser insuficiente para uma categórica identificação. Em cidades com ampla diacronia de utilização, como é o caso de Lisboa, a reciclagem de materiais de construção e a sua frequente deslocação relativamente ao primitivo lugar de implantação pode complicar seriamente a tarefa dos investigadores.

Contrariamente ao sucedido com outros edifícios públicos da cidade romana de *Felicitas Iulia Olisipo*, como o teatro, umas imponentes termas públicas ou o criptopórtico localizado na actual baixa pombalina, todos revelados pela reconstrução da cidade que se seguiu ao grande terramoto de 1755 ou o hipódromo, revelado por escavações mais recentes associadas à construção da rede do Metropolitano, nenhum indício concreto surgiu até hoje que possa categoricamente indiciar a presença do fórum olisiponense. Por isso, aquilo de que hoje dispomos são nada mais do que conjecturas e propostas de localização, todas com os seus argumentos de sustentação mais ou menos válidos, mas todos carentes de confirmação categórica.

Um edificado com as dimensões de um *forum* necessita de uma área ampla e forçosamente de um imenso esforço construtivo para instalar um complexo deste tipo em uma topografia pouco amigável, como é o da colina onde originalmente se ergueu a cidade de *Olisipo*, genericamente a área do bairro de Santa Cruz do Castelo, como núcleo central, espraiando-se a cidade para Sul, Nascente e Poente em direcção ao rio. O primeiro exercício de identificação consiste por isso em tentar olhar para a cidade de hoje e perceber nela os traços remanescentes da morfologia da cidade romana e, particularmente, desse grande edifício, cujo impacte no desenho das urbanizações de épocas posteriores não poderia deixar de se fazer sentir. Tarefa assaz complicada pelo longo historial de episódios sísmicos, seguidos de reconstrução, que a cidade foi conhecendo ao longo do tempo.

O primeiro autor que desenvolveu consistentemente essa abordagem, com os conhecimentos que existiam à época, foi o grande olisipógrafo Augusto Vieira da Silva. Observando criteriosamente o edificado moderno e confrontando-o com a cartografia antiga disponível, designadamente, a planta de Lisboa de João Nunes Tinoco, de

1650, uma referência fundamental, por ser a mais antiga representação cartográfica da cidade, registando a topografia urbana anterior à destruição do grande sismo de 1755 e posterior reconstrução. A principal conclusão de Vieira da Silva foi a de que a colina e suas vertentes não teria permitido a instalação do clássico urbanismo rectilíneo ortogonal das cidades romanas. Por isso, *Olisipo* ter-se-ia acomodado de um modo mais ou menos orgânico à acidentada topografia da colina e suas encostas. Restava tentar encontrar no espaço da cidade histórica uma plataforma suficientemente ampla para poder acolher o edifício forense.

A proposta avançada por Vieira da Silva sugeria que o complexo teria ocupado a área onde hoje se ergue a igreja de S. Maria Maior (Sé), com o seu claustro, eventualmente, prolongando-se a oeste pela área ocupada pela Igreja de Santo António e respectivo largo. Naturalmente, a área necessária à edificação dependeria das suas dimensões, um dado para o qual não dispomos do mais remoto indício. De qualquer modo, trata-se de uma área suficientemente ampla para acomodar um fórum, mesmo de grandes dimensões. A favor da sua proposta alinhava um conjunto de argumentos mais ou menos consistentes: a topografia urbana conservava ali uma ampla área aplanada a meia encosta, a existência de um fragmento de arquitrave monumental, pertencente a um antigo templo romano, reaproveitado na parede norte da Igreja de St. Maria e vários elementos arquitectónicos decorados, da Antiguidade Tardia, igualmente reaproveitados no edifício da catedral medieval, sugerindo uma longa utilização do local como espaço religioso, uma vez que era também ali que se situava a mesquita maior da cidade islâmica, cuja supressão decorreu da conquista da cidade por Afonso Henriques e subsequente implantação da principal igreja cristã de Lisboa. Como argumento suplementar, podia ainda considerar-se a possibilidade

de uma porta monumental da antiga muralha da cidade (cerca velha) com opulenta decoração marmórea, conhecida historicamente como Porta de Ferro ou Arco da Consolação, poder ser uma das entradas de acesso ao fórum romano. Uma fonte de época islâmica é a mais precisa na sua descrição: “*A porta ocidental, a maior da cidade, é encimada por arcos sobrepostos que assentam em colunas de mármore, por sua vez apoiadas em embasamentos de mármore*”, segundo

versão apresentada por A. Borges Coelho. A profusão de mármore decorativos sugere ou antiguidade da construção ou reutilização de matéria-prima mais antiga, como tantas vezes sucede nestas cidades com longa diacronia de ocupação. Contudo, estas soluções decorativas de arcos justapostos sugerem mais edificação da Antiguidade Tardia ou mesmo já de época islâmica do que propriamente arco de época clássica. Sublinhe-se, contudo, que uma cronologia tardia para a edificação desta

FIG.1

Fragmento de aquitrave romana reaproveitado na parede da Igreja de S. Maria Maior (créditos fotográficos: © Lídia Fernandes - Museu de Lisboa/EGEAC).





FIG. 2

Fragmento decorado de arquitectura da Antiguidade Tardia que se encontrava reaproveitado na parede da Igreja de S. Maria Maior (créditos fotográficos: © Paulo Fernandes - Museu de Lisboa/EGEAC).

porta não anula a possibilidade de ter tido essa função de entrada para o fórum e de ter sido, depois, reaproveitada na cerca defensiva da cidade (FIG. 1 & FIG. 2).

Escavações arqueológicas realizadas no claustro da Catedral permitiram algumas observações importantes: em primeiro lugar, revelaram a existência de uma rua da cidade romana, ladeada por construções privadas,

anulando deste modo a possibilidade do edifício forense se estender à área posteriormente ocupada pelo claustro. De igual modo, escavações efectuadas quer no Largo Augusto Rosa, para a instalação de um sanitário público, quer no Largo de Santo António, não lograram obter qualquer indício da presença do fórum romano, ainda que neste último se tenha identificado parte de um



edifício de época romana, tido como provável edifício público. Pode dizer-se que, apesar de tudo, continuará a haver espaço para a acomodação do complexo forense naquela zona, mas não deixa de ser de algum modo intrigante a absoluta ausência de novos indícios concretos.

Refira-se que a escavação do claustro da Igreja de St. Maria, bem como os mais recentes trabalhos realizados na zona do teatro romano e outras áreas da colina têm revelado importantes soluções arquitectónicas de escalonamento do edificado romano que sugerem poder ter sido o urbanismo de *Olisipo* muito mais regular e “canónico” do que supôs Vieira da Silva. De qualquer modo, persiste a necessidade de encontrar na actual cidade um espaço que conserve uma superfície suficiente ampla e aplanada para albergar o complexo forense.

Irisalva Moita sugeriu em alternativa que, primitivamente, o *forum* olisiponense poderia localizar-se no próprio bairro de Santa Cruz do Castelo, estando a Igreja daquela invocação edificada sobre antigo templo romano, certa parece a possibilidade de se encontrar sobre uma antiga mesquita, mas não mais do que isso. Seria assim uma solução do tipo “acrópole”, com o complexo forense instalado no ponto mais alto da colina, dominando toda a envolvente, uma solução pouco habitual nas cidades romanas, embora se conheçam casos em que cidades instaladas em terrenos acidentados apresentam complexos de usos religiosos implantados em cota dominante. Contudo, não se trata propriamente de *fora*, mas sim de espaços de santuário que convivem com um *forum* instalado em plano inferior, como é o caso, por exemplo, da cidade de *Munigua*, na actual Andaluzia. Hoje em dia, esta hipótese pode considerar-se pouco plausível, já que as várias escavações arqueológicas recentes realizadas quer na área do bairro de Santa Cruz, quer no castelo propriamente dito,

não forneceram quaisquer elementos que reforcem esta proposta. Pelo contrário, tudo indica que não terá havido ali uma ocupação continuada no tempo em época romana. Os importantes vestígios da mais antiga ocupação romana da cidade, remontando à época da conquista, século II a.C., identificados imediatamente abaixo dos níveis de ocupação islâmicos, a inexistência de outros registos, como elementos de arquitecturas monumentais ou ainda os mais singelos dados arqueológicos do quotidiano, como cerâmicas, por exemplo, não abonam a favor de uma ocupação permanente e continuada do local. A existência de um cunhal de uma construção de alguma entidade e a presença de um fragmento de cornija decorada, eventualmente indiciadores da existência de algum edifício de cariz religioso, são dados manifestamente insuficientes para supor que ali se pudesse erguer o antigo fórum. Ao que tudo indica, o aglomerado pré-romano ocupava de facto a área mais alta da colina, ali se instalaram os romanos imediatamente após a conquista, mas não continuaram a utilizar esta zona de um modo permanente, quando se redesenhou a nova cidade à maneira romana.

José Cardim Ribeiro apresentou uma outra proposta para a implantação do *forum* da cidade: não haveria somente um mas dois complexos forenses em *Olisipo*, um dos quais seria um espaço corporativo de mercadores, à semelhança do existente em Óstia, na Itália, havendo também a sugestão (não confirmada) de ter existido um complexo análogo em *Hispalis*, a cidade romana que se encontra sob a actual Sevilha, no sul de Espanha. Este fórum corporativo com as suas associações de mercadores estaria implantado sobre o criptopórtico conhecido na zona da baixa pombalina. A sugestiva hipótese conjugava vários elementos: por um lado, a evidência de que sobre o criptopórtico se erguia um complexo monumental de características desconhecidas, amplo, ocupando



FIG. 3

Fotografia da Travessa do Almada, com as inscrições encrustadas na parede do edifício ali existente (créditos fotográficos: © José Avelar - Museu de Lisboa/EGEAC).

extensa área aplanada junto ao rio, por outro, a já mencionada existência de espaços análogos em outras cidades romanas. A proposta de Cardim Ribeiro levou ainda em consideração um apontamento do tratado de arquitectura de Marco Vitruvius, um manual de boas práticas de construção, composto no século I, onde se propõe que as cidades marítimas deveriam instalar o seu fórum junto ao porto. A sugestão de Cardim Ribeiro concebia a existência de um segundo *forum* onde se localizariam as funções de natureza política e administrativa, cuja localização continuaria a ser desconhecida. A sugestiva proposta carece de categórica confirmação e parece menos plausível, atendendo aos dados fornecidos pelos mais recentes trabalhos realizados nas construções que se ergueram sobre o criptopórtico.

Jorge Alarcão avançou também com uma outra ideia sobre a possível localização do complexo forense de *Olisipo*: a zona do actual Largo da Madalena. O principal argumento prende-se com a conhecida existência de um imponente edifício romano identificado no local onde se ergueu, em 1749, o imóvel que, tendo resistido ao grande sismo de 1755, ainda hoje ocupa o lado norte do Largo. Ali recuperaram-se várias epígrafes romanas, que se conservam encrustadas na parede voltada à Travessa do Almada. Entre essas epígrafes destacam-se aras consagradas a Cíbele, indiciadoras da existência de um local de culto consagrado à “mãe dos deuses”, bem como uma dedicatória monumental a um questor da província romana da Bética (actual Andaluzia), um tipo de monumento que se aceita adequar-se bem a uma implantação na

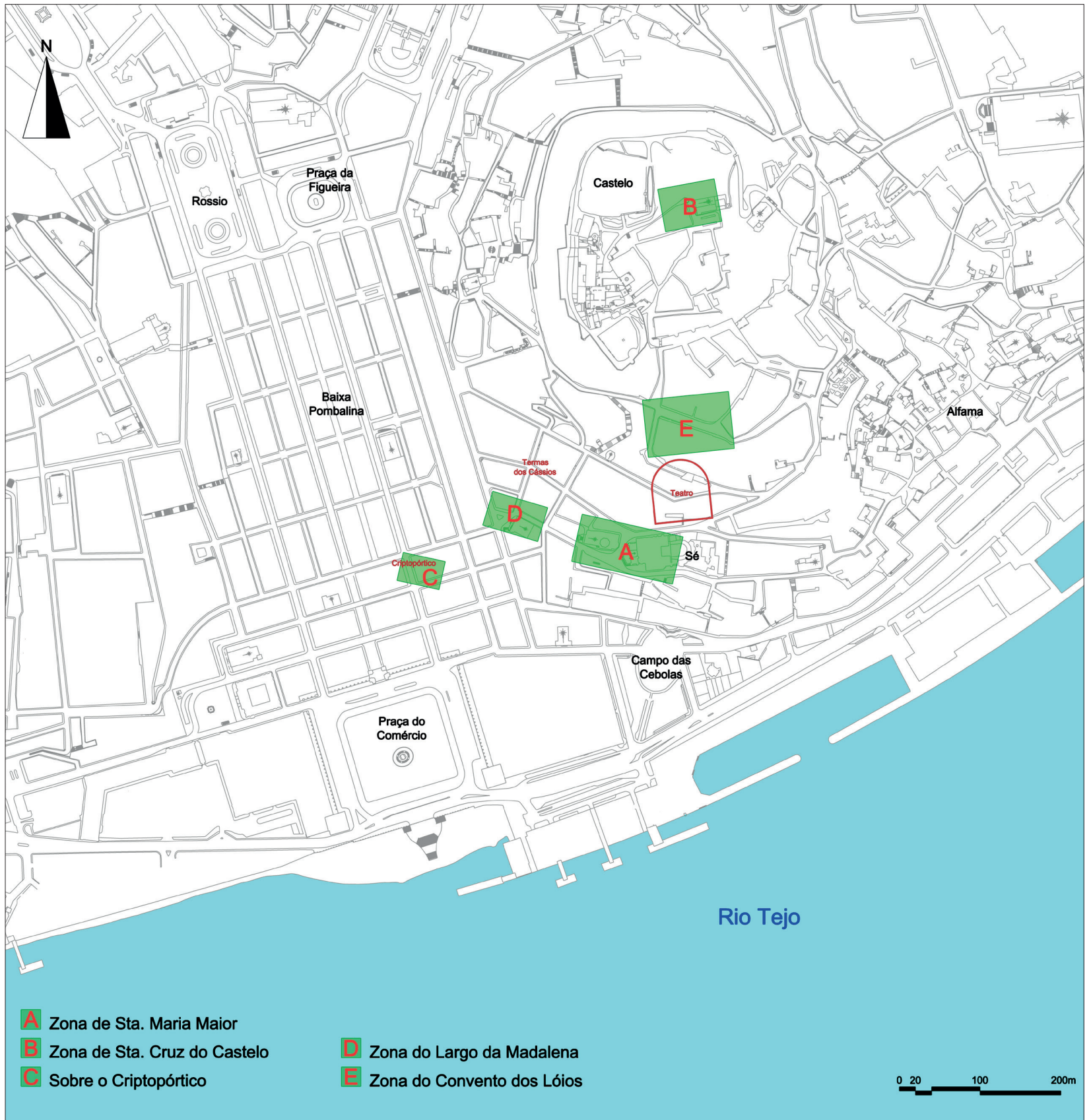


FIG. 4
 Planta da cidade com as diferentes propostas de localização do forum de *Felicitas Iulia Olisipo* (2020)
 (créditos fotográficos: © Carlos Loureiro – Museu de Lisboa / EGEAC).

área de um fórum urbano, visto tratar-se de uma dedicatória da cidade e não de um acto de particular. Do edifício então encontrado, sabemos que seria “*fabrica romana grande, e majestosa*”, que não foi “*descoberta na totalidade*”, a fazer fé no relato de Thomaz Caetano de Bem, que não elucida sobre as áreas para onde se estenderia o edifício. O mesmo eclesiástico menciona a presença de várias colunas de grandes dimensões – “*Hum pedaço de coluna, que tem de comprimento cinco palmos. Mais outro pedaço de coluna de onze palmos em comprimento. Huma de quatro palmos. Duas de dez palmos. Huma de oito. E todas estas ditas colunas tem dos palmos de grossura. Mais duas bases de coluna. Hum capitel de ordem Jonica. [...] Chegouse a descobrir huma coluna de notável grandeza, que se não arrancou*” –, em suma, um conjunto de informações sobre a existência de uma estrutura monumental, que bem poderia ser um templo. A utilização da ordem jónica na construção tanto poderá remeter para uma etapa fundacional do século I, como para épocas mais tardias, atendendo ao que se conhece das decorações arquitectónicas adoptadas em *Olisipo*. A implantação do fórum neste lugar poderia também considerar a já aludida possibilidade da Porta de Ferro / Arco da Consolação constituir porta de acesso ao complexo. A principal dificuldade desta proposta tem a ver com a topografia do terreno. A área apresenta, por um lado, dimensões relativamente modestas, teríamos de considerar que o fórum olisiponense seria um edifício de escassa entidade, por outro, a acentuada inclinação da encosta. Mesmo admitindo consideráveis alterações topográficas não parece admissível que houvesse condições para instalar o edifício numa topografia tão acidentada (FIG. 3).

No que diz respeito à inserção urbana, esta proposta localizaria o fórum da cidade imediatamente abaixo do grande complexo termal público conhecido pela designação de “*termas dos Cássios*”, por uma inscrição ali localizada quando se realizou a intervenção de reconstrução do Palácio dos Condes de Penafiel, também conhecido como do Correio-Mor. Na criteriosa análise que realizou Rodrigo Banha da Silva à topografia de *Olisipo*, considerou esta implantação para um fórum de natureza política e administrativa, convivendo com o complexo comercial sugerido por Cardim Ribeiro. Contudo, as intervenções arqueológicas que ultimamente se efectuaram nas imediações, uma vez mais, não foram particularmente reveladoras da suposta presença do fórum nesta localização. Particularmente decepcionantes, para não dizer algo estranhos, foram os pobres resultados de uma intervenção arqueológica realizada no quarteirão situado entre o complexo termal e a área onde se localizava a “*fabrica romana grande, e majestosa*”, que não lograram fornecer qualquer dado sobre o modo como estes dois edifícios se articulariam entre si.

Finalmente, uma outra proposta foi apresentada pelo investigador alemão Theodor Hauschild, na sequência dos estudos que dedicou ao teatro romano. Na sua sugestão, o fórum de *Olisipo* poderia localizar-se em cota imediatamente superior àquela onde se implantou o teatro, em topografia que coincidiria “*grosso modo*” com o local do antigo Convento dos Lóios. A favor desta proposta, pode mencionar-se, a existência de diversos paralelos de cidades romanas onde o jogo de relação entre teatro e fórum é análogo – embora haja também inúmeros casos que não correspondem a esta disposição dos

FIG. 5

Vestígios de antigas construções na parede do convento dos Lóios
(créditos fotográficos: © Lídia Fernandes - Museu de Lisboa/EGEAC).

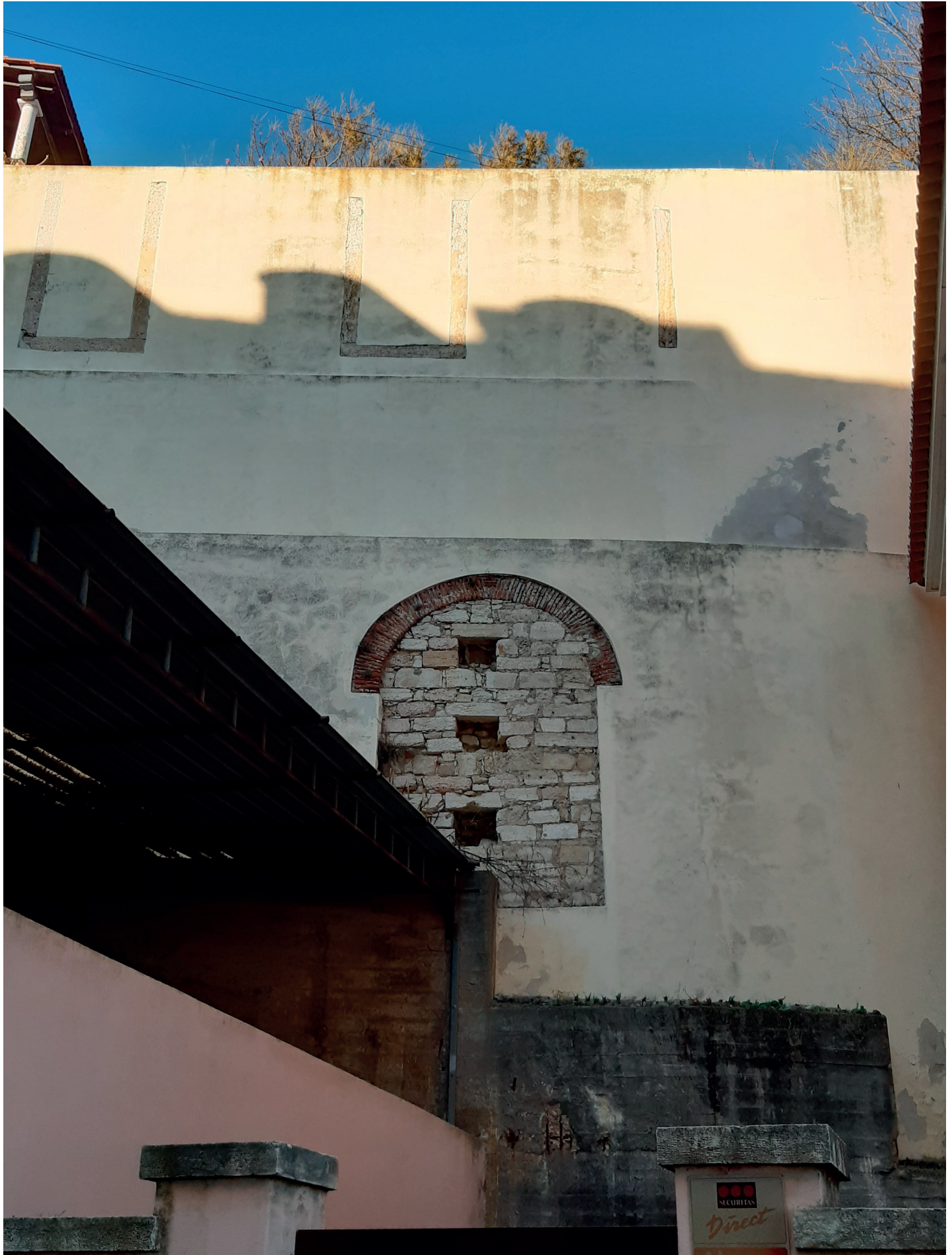




FIG. 6

Pedestal de estátua do Largo do Contador-Mor

(créditos fotográficos: © Direção-Geral do Património Cultural/ Arquivo de Documentação Fotográfica).

equipamentos urbanos – ou ainda a notável plataforma sobre a qual se ergueu o convento, com marcante presença na paisagem urbana. No lado Noroeste da actual Rua da Saudade, pode apreciar-se uma imponente parede onde se conservam elementos de cantaria sugestivos da possível existência de um criptopórtico

de grande entidade no local, uma solução arquitectónica não muito distinta da conhecida na cidade romana de *Æminium*, sob a actual Coimbra. Na cidade do Mondego este criptopórtico ainda hoje bem conservado, foi sucessivamente reaproveitado ao longo do tempo por edifícios de diferentes

funcionalidades e ainda hoje pode ser apreciado no interior do Museu Machado de Castro. Na zona do actual Largo dos Lóios é bem notória a relevante extensão desta plataforma, prolongando-se pela Rua das Damas até ao Largo do Contador-Mor. São igualmente notáveis as discontinuidades que se verificam no interior do edificado na Rua de Santiago e, particularmente, na parede voltada a poente que fecha o jardim do edifício ocupado pela Escola AR.CO, delimitando a já citada Rua das Damas. Teríamos assim, a presença de uma construção de notável entidade, compreendida entre o antigo eirado do Convento dos Lóios, a sul, e do lado nascente definido por uma outra notória discontinuidade “fossilizada” na topografia urbana pelo referido muro do jardim do AR.CO. O acentuado pendor do tramo nascente da Rua de Santiago marcaria ainda de um modo claro o limite do presumido edificado (FIG. 5).

No estado actual dos conhecimentos, esta proposta parece-me a mais credível e interessante, ainda que também ela carente de mais sólida confirmação. Quando olhamos a topografia da cidade de Lisboa, excluindo o edificado actual, verificamos a existência dessa grande plataforma na zona do antigo Convento dos Lóios, marcando fortemente a paisagem urbana, ainda que não devamos perder de vista que esta topografia se encontra fortemente modelada pelo longo historial de destruições e reconstruções da cidade. Como elemento suplementar, pode invocar-se a recente descoberta de um imponente

pedestal de estátua do Imperador Augusto divinizado, junto do Largo do Contador-Mor. A inscrição lavrada no pedestal era de há muito conhecida na documentação dos Humanistas, mas encontrava-se perdida e só recentemente foi reencontrada, curiosamente não longe do local onde se referia a sua presença. Este pedestal e a estátua (perdida) que o encimava constitui um elemento típico de um fórum urbano. A sua dimensão e peso sugerem que poderá não ter sido muito deslocado do lugar de implantação original, ainda que este argumento seja algo frágil, atendendo às sucessivas reciclagens de elementos antigos, em alguns casos, com evidentes deslocamentos relativamente ao primitivo lugar de implantação. Ainda assim, não deixa de ser um argumento mais a favor desta localização para o fórum de *Felicitas Iulia Olisipo* (FIG. 6).

Vinte e cinco anos depois das sínteses elaboradas por Irisalva Moita e Salette Salvado, em textos publicados no âmbito da celebração de Lisboa como Capital Europeia da Cultura (1994) e, sobretudo, depois de toda a dinâmica da arqueologia urbana lisbonense dos últimos anos, não deixa de ser algo frustrante reconhecer que praticamente em nada progredimos na tarefa da identificação do *forum* da cidade romana. As hipóteses então listadas são exactamente as mesmas que aqui se apresentam. A busca do relevante complexo continua a ser tarefa necessária ou mesmo prioritária na investigação em torno da cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*.